

‘Ovos Não Têm Janela’ empilha absurdos e ecoa Samuel Beckett

Peça de Manoel Carlos Karam dirigida por Beto Bruel, que fez carreira como iluminador, está no Festival de Curitiba

Gustavo Zeitel

CURITIBA Beto Bruel, de 73 anos, está com as bochechas coradas. Iluminador mais respeitado do país, que venceu o prêmio Shell de teatro cinco vezes, ele, que já trabalhou com mais de cem encenadores, agora fica todo sem graça ao lembrar de sua iminente estreia na direção.

“O que é que eu fui fazer, compadre?”, diz Bruel, rindo. “Em 50 anos de carreira, nunca pensei em dirigir. Acho que é a primeira vez e a última. Tudo sou eu. Estou acostumado com a iluminação.” No Festival de Curitiba, ele monta a peça “Ovos Não Têm Janelas”, texto inédito de Manoel Carlos Karam, escritor e dramaturgo catarinense morto em 2007.

Karam e Bruel se aproximaram ainda nos anos 1970, no Teatro Margem, companhia paranaense fundada há cinco décadas. “Ovos Não Têm Janela”, última peça escrita por Karam, se insere na comédia do absurdo, bem ao modo dos clássicos do irlandês Samuel Beckett e do romeno Eugène Ionesco.

Pouco antes do ensaio da peça começar, Bruel prefere ficar do lado de fora do auditório do Museu Oscar Niemeyer, no centro de Curitiba. Lá dentro, Lucas Amado e Anry Aider se apressam pa-

ra afinar a luz. “Tem que respear o trabalho deles, né, compadre?”, afirma o agora diretor, repetindo o vocativo que se tornou seu bordão.

Loquaz, Bruel tem a fala apressada e sempre cai no mesmo assunto: a luz.

Na sua visão, os holofotes demarcam as cenas, que ele mesmo inventou. Do mesmo modo, “Ovos Não Têm Janela” é também uma torrente verbal, um palavrório que no palco se amalgama, formando assim um redemoinho de ideias e de ideais.

Dois homens — Sidy Correa e Gabriel Gorosito — se encontram com duas mulheres — Guenia Lemos e Renata Bruel, filha de Beto — na antessala de um médico. O único interlocutor do grupo é um recepcionista meio mal-humorado, vivido por Moa Leal. A pergunta, “e o doutor?”, o recepcionista sempre responde “o doutor não demora”.

Durante toda a peça, o grupo espera pelo doutor, como quem aguarda a chegada milagrosa de um messias. A frase “o doutor não demora” corresponde ao vazio da expressão “um dia ele chegará”, de “Esperando Godot”, texto escrito por Beckett em 1953.

Para preenchê-lo, o grupo despeja no palco vazio uma torrente de frases curtas, emulando a linguagem



Sidy Correa na peça ‘Ovos Não Têm Janela’ Daniel Sorrentino

apocopada do mundo das redes sociais. Não à toa, logo no início todos os atores usam seus celulares. “Quando passamos na rua, o que ouvimos é exatamente o que está neste texto da peça”, afirma Bruel.

“Ovos Não Têm Janela” é uma festa estranha com gente esquisita. Nada tem sentido a priori. A peça retrata uma série de episódios sem nexos, e do nonsense nasce a comicidade do texto. Os atores narram uma corrida de cavalo, debatem se os polos do planeta são achatados ou redondos — num prenúncio das teorias dos terraplanistas — e sugerem fundar uma igreja para aumentar a grana.

É uma trama com a assinatura de Karam, diz Bruel. Nos anos 1970, o autor escreveu e dirigiu 20 peças de teatro. Na década seguinte, passou para a escrita de livros de ficção. No Teatro Margem, o dramaturgo se notabilizou pelo experimentalismo e a resistência à repressão, imposta pela ditadura.

Entre os seus trabalhos mais importantes, figuram “Comendo Bolacha Maria no Dia de São Nunca”, uma reunião de minicontos publicada em 1999, e “Godot É uma Árvore”, compêndio de fábulas e anedotas lançado há oito anos.

A mesma árvore, agora em papelão, está montada no centro do palco. O cenário, assinado por Guenia Lemos e Ana Kummer, ainda tem uma dezena de telefones coloridos que caem do teto.

Já a trilha sonora, concebida por Bruno Karam, o filho do autor da peça, aposta num piano dodecafonico para emular a aleatoriedade do texto teatral.

“É tentador se meter na iluminação da peça, mas seria uma sacanagem”, afirma Bruel. “Teatro é democracia, e aqui acho que consegui exercitar a democracia.”

O jornalista viajou a convite do festival

Ovos Não Têm Janela

Direção: Beto Bruel. Com: Gabriel Gorosito, Guenia Lemos e Moa Leal. Auditório do Museu Oscar Niemeyer - R. Mal. Hermes, 999, Curitiba. 16 anos. Qua. (5) e qui. (6), às 20h30. R\$ 80

The Town terá Seu Jorge, Karol Conká, Haniel e Cabelinho

SÃO PAULO O The Town, irmão paulistano do Rock in Rio, anunciou que vai sediar um show feito pelos MCs Haniel, Cabelinho e Ryan SP no Skyline, o palco principal do evento. Eles se apresentam juntos em 2 de setembro, uma sexta-feira, dia que marca a estreia do festival. É a primeira vez que os três funkeiros brasileiros performam juntos. O show, que terá ainda dançarinos e DJs, vai tentar discutir intolerância religiosa.

Na mesma data, Criolo leva o grupo de rock Planet Hemp para um show no palco The One, um espaço secundário do festival. Ainda neste dia e no mesmo local, as irmãs Tasha e Tracie vão dividir microfones com Karol Conká. O rapper Orochi, por sua vez, vai receber a cantora Azzy, que se apresentou também no Rock in Rio do ano passado.

Luísa Sonza, voz de “Cachorrinhas” e “Melhor Sotinha”, deixa de liderar o palco The One no dia 3 para cantar no Skyline. A brasileira foi movida para o espaço de mais prestígio do festival, onde também vão se apresentar neste dia DJ Alok, Bebe Rexha e Bruno Mars. O cantor americano, aliás, vai liderar o palco de novo no dia 10, data de encerramento do The Town.

Quem encabeça o The One no dia 3 agora é Seu Jorge, que no mês passado cantou com a banda Coldplay no Estádio do Morumbi. No mesmo dia, a drag queen e funkeira Lia Clark performa no palco Factory.

A pagodeira Marvvila, que foi eliminada do Big Brother Brasil 2023 nesta terça-feira, vai cantar no Factory no dia 7, uma quinta-feira. O mesmo palco terá shows de Xênia França e de Tássia Reis no dia 10, o último domingo do evento.